

Uma Filosofia Cristã da Educação

Gordon Haddon Clark

Tradução: Mateus Alves da Mota¹

Por longos períodos de tempo a história humana se move calmamente para frente, inquietada apenas por perturbações menores. Então, num curto período de anos, tudo parece acontecer ao mesmo tempo. Uma tempestade sobrevém aos povos, desmanchando todas as fontes do grande oceano; e quando as águas abaixam, o curso da história foi estabelecido para a próxima época. O século XVI foi um período de tempestade. Henrique VIII, Martinho Lutero, João Calvino, Francisco I, Inácio Loyola, Caraffa, e – um pouco após – Felipe II, Rainha Elizabeth, Henrique IV, o Duque de Alva, e João Knox: todos viveram nos anos de 1500. Durante esse tempo foi estabelecido que a Alemanha deveria ser Luterana, a Escócia Presbiteriana, Inglaterra Episcopal; a Inquisição determinou por meio de assassinatos que a Itália e a Espanha deveriam permanecer Romanistas; a matança em massa de 75.000 calvinistas na noite de São Bartolomeu em 1572 fez da França metade Romanista, metade infiel. Estes resultados perduraram por quatrocentos anos.

O século XVI não testemunhou apenas a Reforma, mas também viu na Renascença o nascimento da mente científica moderna. Embora as invenções e aplicações científicas detalhadas têm sido multiplicadas nos anos mais recentes, a cosmovisão científica em geral – baseada na aplicação da matemática aos problemas de física – foi fixada para os séculos vindouros mesmo antes do nascimento de Descartes.

O século XX oferece satisfatória rivalidade ao século XVI. Duas guerras mundiais já ocorreram e com a ameaça de uma terceira, este século será verdadeiramente um de reviravolta. Hitler desejou estabelecer a direção da história para os próximos 1.000 anos. Ele pode muito bem ter feito isso – ajudado, sem dúvida, por Roosevelt, Churchill e Stalin. O século XX, até aqui, carece de indicações de iminentes cataclismos religiosos. Suas mudanças, portanto, podem fazer paralelo mais próximo à revolução social e educacional da Renascença, ou, mais provavelmente, à queda do Império Romano, do que ao despertar espiritual da Reforma. De tudo o que pode ser visto agora, o ódio do Humanismo e do Comunismo pelo Cristianismo será a filosofia prevalecente da era porvir.

Embora a situação política que aparece nas manchetes das revistas ocupa a atenção popular, o uso que os ditadores têm feito dos meios de educação mostra claramente que o papel das escolas e universidades é um da mais profunda significância. A política educacional na nova sociedade, seja para o bem ou para o mal, será um fator básico.

¹ Traduzido em Outubro/2006.

A NECESSIDADE DE UMA COSMOVISÃO

É verdade que nossos melhores homens podem inventar rádios e radares; é verdade que eles podem reduzir a tifóide e a mortalidade infantil – mais poder para eles; é verdade que eles podem produzir maiores submarinos e melhores explosivos; mas deve ser tão claro como uma chama e tão enfático como uma bomba que *quem* os usa e para *o que*, é uma questão tremendamente mais importante que suas invenções. De fato, o impacto de Pearl Harbor, Coréia e Vietnã deveria ter focado a atenção educacional para esta questão básica.

Os telefones serão multiplicados, mas seus fios podem carregar ordens para massacrar cristãos e judeus; rádio e televisão serão desenvolvidos de maneira grandiosa, mas podem ser usados para propaganda totalitarista; e jovens moços que não morreram de tifóide podem ser transformados em excelentes agentes da KGB. Toda assistência mecânica, pela qual alguns julgam que uma sociedade é boa, pode ser usada por um burocrata ou ditador para fazer sua sociedade ser má.

Como podem as pessoas dos Estados Unidos se tornar competentes para julgar e, portanto, opor-se à barragem da propaganda? A barragem é chegada. *Time*, *Newsweek*, e os noticiários da televisão são supostamente programas da mídia. Eles são, na verdade, distribuidores de propaganda. Por exemplo, em 15 de agosto, sexta feira, do ano de 1969, Chet Huntley finalizou seu noticiário com uma denúncia cruel contra os protestantes. Não houve notícia. Tratou-se de puras injúrias. Ele parou perto de dizer que os católicos romanos da Irlanda deveriam invadir Ulster² e massacrar os protestantes. E é claro que o noticiário é tendencioso também. Quão tendenciosa já deve ser a multidão para que tal interpretação fosse permitida na televisão? Se alguma forma de educação prepara as pessoas para detectar uma notícia tendenciosa e através disso prevenir um clima social onde a propaganda do ódio é aceita, tal não é a presente forma de educação americana. O mínimo que se pode dizer é que se trata de um treinamento técnico limitado que produz expertos ignorantes. Isto não é para depreciar a engenharia, muito menos para se opor à física e à química. Mas algo adicional, alguma coisa mais importante é necessária. O que é?

Há apenas uma filosofia que pode realmente unificar educação e vida. Tal filosofia é a do teísmo cristão. O que é necessário é um sistema educacional baseado na soberania de Deus, pois em tal sistema tanto ao homem quanto à química será dado seu lugar apropriado, nem muito alto, nem muito baixo. Em tal sistema haverá uma finalidade principal para o homem de unificar, e para servir de critério para todas as suas atividades. O que é necessário, portanto, é uma filosofia em consonância com o maior de todos os credos do Cristianismo, a *Confissão de Fé de Westminster*. Em tal sistema, Deus, tanto quanto o homem, terão seus lugares adequados. Apenas isso fará da educação um sucesso; pois a desintegração social, moral, política e econômica de uma civilização nada mais é que o sintoma e resultado de sua falência religiosa. As abominações da guerra, pestilência, e colapso econômico são punições pelo crime, melhor, pelo *pecado*, de se esquecer Deus.

² Nota do tradutor: Ulster é o nome dada a uma das quatro províncias tradicionais da Irlanda.

O MITO DA NEUTRALIDADE

Não há terreno neutro entre a proposição segundo a qual Deus criou o mundo do nada e aquela que diz que o universo é uma entidade eternamente auto-existente. Mas embora opositores possam admitir que haja aqui uma incompatibilidade filosófica, eles podem ao mesmo tempo sustentar que filosofia é algo tão remoto do assunto de educar crianças que qualquer preocupação sobre influências anti-religiosas é puramente acadêmica. Mesmo o otimismo ou pessimismo do professor não afeta o conteúdo da aritmética. Filosoficamente, a neutralidade é impossível, eles alegam; mas a neutralidade educacional é um fato.

Esta parece ser a opinião sustentada comumente sobre as decisões da Suprema Corte dos Estados Unidos de banir a oração e a leitura da Bíblia da educação pública. Oração é definitivamente uma atividade religiosa, e o Estado não deve dar suporte a nenhum tipo de religião. Que aritmética seja ensinada e religião ignorada. Agora, há um bom ponto ao menos na decisão da Corte. O caso se originou em um sistema escolar cujos diretores escreveram uma oração e requereram dos professores que a fizessem. Tais dirigentes fizeram a suposição de que sua oração era inócua e satisfatória a todas as religiões que orassem de alguma forma. Era uma oração “não-sectarista”. Desde a decisão, varias emendas à Constituição foram propostas que permitiriam orações não-sectaristas. Presumivelmente, esta seria uma oração composta pela comissão de diretores e imposta por eles às professoras. Enquanto este foi e é o caso, um cristão deve ver essa decisão da Corte favoravelmente. Pois, em primeiro lugar, ela força a professora a fazer uma oração com que discorda, seja por não ser religiosa e não querer orar de qualquer maneira – e a obediência a torna uma hipócrita, ou porque ela é religiosa e entende que esta oração não-sectarista não é neutra, mas anticristã.

A razão porque estas orações não-sectaristas são anticristãs pode ser facilmente estabelecida. A Bíblia ensina que todas as orações a Deus devem ser baseadas nos méritos de Cristo. Ninguém pode ir ao Pai senão por Cristo. Não há outro nome pelo qual possamos ser salvos. Portanto, orar sem incluir Cristo na oração é uma ofensa contra Deus. É muito melhor não ter oração alguma na escola do que ter uma não-sectarista. O uso da palavra *sectário* ou *não-sectário* é em si mesmo uma ofensa e insulto. *Seita* sempre tem um sentido pejorativo, e estigmatizar uma oração cristã como sectária não é um exercício de neutralidade.

Pode parecer, então, que a Suprema Corte manteve a neutralidade por sua proibição de orações nas escolas, e que apenas aqueles que as querem é que são anticristãos. É claro, também, que qualquer um que não queira oração é anticristão; e foi uma façanha para a Corte satisfazer a cristãos devotos e os ateístas tagarelas pela mesma decisão. Mas se ela e seus resultados podem satisfazer os cristãos, e se as escolas são neutras – agora que o corpo de diretores teólogos não pode mais impor suas orações – ainda requer um pouco mais de discussão.

Que a neutralidade é impossível se torna mais e mais claro à medida que o sistema do teísmo cristão é melhor compreendido. Menção já foi feita do fato de que o Cristianismo não deve ser identificado com e restringido a uma limitada crença em Deus. Por exemplo, o Cristianismo tem uma teoria do mal; ela difere da teoria humanista; e, portanto, uma escola secular não pode adotar as mesmas políticas que uma escola cristã adota quando lida com alunos recalcitrantes.

Que há alunos desobedientes dificilmente precisa ser dito. Mas talvez o seja necessário àqueles que convenientemente se esquecem do que está acontecendo. Em adição ao material relatado no capítulo primeiro, havia o caso da literatura subversiva, obscena, da Pantera Negra, vendida aos estudantes secundaristas em Indianópolis em 1969 com a aprovação de no mínimo alguns dos professores. Mas é ilegal aos Gideões distribuir Novos Testamentos dentro das escolas. Nas primeiras duas semanas do período letivo de 1969-1970, cinquenta roubos e espancamentos, incluindo esfaqueamentos, foram reportados à polícia de Indianópolis. A polícia acreditava que estes eram menos da metade dos crimes cometidos, pois as crianças vitimadas geralmente têm receio de se referir ao ataque por medo de represálias. Alguns pais se recusam a mandar seus filhos à escola a fim de salvá-los da violência dentro delas. Em uma das escolas secundaristas afluentes de Indianópolis é estimado que cinquenta por cento dos alunos são viciados em droga. Não todos viciados em heroína, para ser claro; mas estão neste caminho por meio da cola, tranqüilizantes, LSD, e drogas similares.

Essas condições perversas têm sido encorajadas pela política liberal e humanista de se lidar com formas menores de má conduta do estudante. O liberalismo ridiculariza a noção cristã de castigo. Desde a primeira infância a criança deve ser mimada, sem apanhar, ou ser de qualquer modo reprimida. Tão cedo quanto 1922, John Dewey, em *Human Nature and Conduct* (Natureza e Conduta Humana), (Parte II, Seção 2), encorajava os jovens a se rebelar contra a disciplina paterna. Os pais têm amansado “a originalidade prazerosa da criança”; eles instilam nela hábitos morais; e o resultado disso é uma massa de “irracionalidades” e “infantilismos”. Quando a filosofia de Dewey é traduzida para o Código Penal, com sua ênfase na reabilitação (pois o criminoso é doente, não ímpio; e a comunidade é culpada, não ele mesmo), vinte mil pessoas cometem assassinatos em um único ano nos Estados Unidos, e nenhuma delas é executada. No ano seguinte, naturalmente, mais pessoas cometem assassinato.

Nem John Dewey, nem os penalistas liberais, nem as escolas públicas devem ser culpadas pela origem desses crimes. Teólogos e educadores liberais são os que devem ser culpados por falharem em repreender o mal. As escolas públicas merecem ser zombadas quando sustentam ser as salvadoras da democracia. Por sua tolerância elas têm encorajado incêndios propositados, vício em drogas, e imoralidade sexual. Mesmo em assuntos estritamente curriculares, sua permissividade e a extensão do conceito de democracia para além de seu significado político próprio frequentemente resultaram na tentativa de fazer todos os alunos iguais, por meio da redução dos requerimentos mínimos, a fim de que todos possam passar. Em tais escolas, mais frequentemente em áreas metropolitanas, um aluno não deve ser reprovado; ele deve ser promovido. Em escolas secundaristas que passaram pela observação

deste escritor, alguns estudantes do penúltimo ano (sem dúvida os do último, também, mas os exemplos seguintes são restritos a conhecimento pessoal) não são capazes de ler materiais da quarta série; em um laboratório de botânica um aluno não conseguia ler a folha de instruções, e um garoto “graduado” de vinte anos não era apto a ler – bem, não era apto a ler dois parágrafos de qualquer coisa. Este tipo de democracia, essa permissividade, essas políticas liberais encorajam e aumentam o mal; mas elas não o iniciam. Este é iniciado naquilo que Dewey chama de a originalidade prazerosa da criança.

O presente argumento objetiva mostrar que um sistema escolar não pode operar de forma neutra entre a posição liberal e a cristã. Um sistema escolar deve ter alguma política para crianças delinqüentes, ou para aqueles que começam a causar problemas; e esta política não pode ser de esquerda e direita. Não pode ser cristã e humanista; e não há terreno neutro. As duas filosofias e suas implicações educacionais diferem no que toca ao que fazer, em que consiste o mal, e de que forma ele se origina. Alguma coisa tem sido dita quanto às visões prevalentes de educadores públicos; agora requer-se mostrar que o cristianismo tem uma visão totalmente diversa do mal e políticas totalmente diferentes para combatê-lo.

AS ESCOLAS DO GOVERNO

As primeiras faculdades americanas eram instituições distintamente cristãs. Mas o sistema escolar público, diferentemente delas, não foi de tal forma inspirado. Por outro lado, as escolas públicas não foram intentadas para serem não-religiosas. Nos livros de leitura do tempo de nossos avós, Deus e Jesus Cristo eram mencionados. Hoje tais referências não podem ser encontradas neles. Não é difícil encontrar a razão. As escolas públicas foram fundadas com a idéia de não favorecer uma religião sobre a outra, e o resultado é que não favorecem qualquer religião. Elas são completamente secularizadas.

Originalmente as escolas públicas, enquanto suposto que não favoreceriam uma religião sobre outra, não foram planejadas para atacar o Cristianismo. A idéia era que elas deveriam ser neutras. E porque a maioria dos protestantes acreditou nas promessas dos professores das escolas de que estes não iriam atacar a religião, aqueles não fundaram escolas primárias como os Romanistas o fizeram. Agora é claro que os Romanistas adotaram o melhor curso de ação porque as promessas dos professores em breve seriam quebradas.

Hoje o Cristianismo é atacado de todos os lados pelo sistema escolar público. Relatos de pais dizem que a negação evolucionista da criação do mundo por Deus é ensinada às crianças na segunda série. Como pode uma criança de sete ou oito anos permanecer em pé contra um ataque organizado à cosmovisão teísta? Como podem os pais proteger seus filhos? A escola pública não tem a pretensão de ser neutra em assuntos religiosos, e quando um pai aqui e ali protesta, ele é prontamente ridicularizado e silenciado. A idéia de liberdade religiosa, ou mesmo de tolerância ao Cristianismo – ou seja, o clamor inicial de neutralidade – não é parte do equipamento mental de tais professores.

Já se fez menção da exclusão da leitura bíblica nas escolas públicas. O resultado tem sido uma geração de crianças que são deficientes na língua inglesa e na literatura. É fato incontroverso que a Bíblia inglesa teve maior influência em nossa linguagem, literatura, civilização e moral, do que qualquer outro livro. As crianças que são desprovidas da Bíblia são cultural e religiosamente destituídas. Alguém já disse corretamente que conhecimento da Bíblia sem educação superior é de maior valor que educação superior sem conhecimento da Bíblia. Em vista desse fato, a proibição da leitura da Bíblia é significativa do ódio das escolas públicas, e de uma larga porção da sociedade, pelo Cristianismo. Livros atacando o Cristianismo não são ilegais. Professores podem negar Deus, a criação, e a providência; mas a lei os proíbe de recomendar o Cristianismo.

Visto que a depravação cultural dessa política é tão óbvia, alguns dos educadores querem ensinar a Bíblia como literatura. Esta reintrodução da Bíblia nas escolas pode também aquietar um pouco do criticismo. Pode resultar, todavia, em que a Bíblia enquanto literatura seja pior que nenhuma Bíblia de qualquer forma. Será ela ensinada como literatura divina ou humana – mera literatura, não revelação? Em uma escola onde isso foi tentado, uma professora requereu dos alunos que escrevessem uma redação. Ela foi bem flexível quanto à sua exigência: cada estudante poderia escolher qualquer parte da Bíblia para servir de tema. Uma garotinha perguntou se ela poderia escrever sobre Isaías. A professora perguntou, “Você quer dizer primeiro ou segundo Isaías?” Assim o ensino da Bíblia como literatura se transforma em um ataque à sua veracidade. Isso será usado; isso tem sido utilizado, para minar o Cristianismo.

Quando as escolas públicas se popularizaram, os protestantes de forma geral foram enganados com as promessas especiais feitas pelo pessoal dessas escolas. Eles pensaram que se mantivessem faculdades cristãs, as escolas primárias poderiam ser confiadas ao Estado. Mas nem todos eles foram enganados por tais falsas promessas de não atacar o Cristianismo. A Igreja Luterana e os Cristãos Reformados desde logo estabeleceram escolas cristãs para seus filhos. Eles acreditavam que a influência do lar cristão e da pregação da igreja cristã deveria ser fortalecida por um sistema educacional cristão. Mas os Luteranos e Cristãos Reformados, com seu pano de fundo europeu, permaneceram de alguma forma como sociedades fechadas; e infelizmente exerceram pouca influência, ao menos neste aspecto, no resto do protestantismo americano. Houve um homem, todavia, entre as igrejas americanas de fala inglesa que entendeu a implicação do sistema educacional público; ele alertou sobre o que estava por vir, mas seu aviso passou despercebido. É interessante, tristemente interessante, ler seu alerta nos dias de hoje, agora que noventa anos puderam provar que ele estava correto. Pois foi em palestras ministradas antes de 1890 que A. A. Hodge fez as predições a serem agora citadas.

Em suas *Popular Lectures on Theological Themes* (Palestras Populares sobre Temas Teológicos), pág. 283, ele escreveu:

“Um sistema educacional nacional abrangente e centralizado, separado da religião, como hoje é comumente proposto, provará ser a mais espantosa engenharia para propagação de crenças anticristãs e ateístas, e

de éticas anti-sociais e niilistas, individuais, sociais e políticas, que este mundo dado ao pecado jamais viu”.

Duas páginas antes, ele tinha escrito:

“É capaz de demonstração exata que se todo partido no Estado tiver o direito de excluir das escolas públicas qualquer coisa que ele não creia ser verdade, então aquele que mais crê deverá dar lugar ao que menos crê, e então aquele que crê em menos, deverá dar lugar ao que em nada crê absolutamente, não importa quão pequena seja a minoria de ateístas ou agnósticos. É auto-evidente que neste esquema, se for continuado consistente e persistentemente em todas as partes do país, o sistema de educação popular dos Estados Unidos será o mais eficiente instrumento para propagação do ateísmo que o mundo jamais viu”.

O que A.A. Hodge não viu, ou ao menos o que ele não disse explicitamente, é que embora os irreligiosos se apoderaram do direito de excluir o Cristianismo, os cristãos são negados ao direito de excluir ataques ao Cristianismo. Não há neutralidade.

Obviamente as escolas não são cristãs. Assim como obviamente não são neutras. As Escrituras dizem que o temor do Senhor é a principal parte do conhecimento; mas as escolas, omitindo toda referência a Deus, dão a seus alunos a idéia de que o conhecimento pode ser alcançado à parte de Deus. Eles ensinam, com efeito, que Deus não tem controle sobre a história, que não há um plano de eventos sobre o qual ele trabalha, que ele não preordena tudo o que venha a acontecer. À parte de instruções definitivamente anticristãs a serem discutidas mais tarde, as escolas públicas não são, nunca foram, e nunca poderão ser neutras. Neutralidade é impossível. Que alguém pergunte o que neutralidade pode possivelmente significar quando Deus está envolvido. Como Deus julga o sistema escolar, que lhe diz: “Oh Deus, não negamos nem afirmamos tua existência; e Oh Deus, não obedecemos nem desobedecemos teus mandamentos; somos estritamente neutros”? Que ninguém falhe em entender o ponto: o sistema escolar que ignora Deus ensina seus alunos a ignorá-lo; e isto não é neutralidade. É a pior forma de antagonismo, pois julga que ele não é importante e relevante nos assuntos humanos. Isso é ateísmo.

EDUCAÇÃO CRISTÃ

O currículo e a administração da educação cristã devem ser controlados pela visão cristã do homem. Como a planta, o homem é um ser vivo; ele precisa de comida; ele se reproduz; mas a natureza da particularidade do homem não é encontrada largamente em tal gênero. Como os animais, ele tem sensações e imagens visuais; mas se isso fosse tudo, ele seria meramente outro animal. A educação supostamente lida com o homem como homem; a tão chamada educação física lida com o homem como um bruto. O que o homem é e o que a educação é são questões a serem respondidas avaliando-se os diferentes níveis da atividade humana. Uma sensação apurada não sinaliza quando um homem é educado, pois os selvagens frequentemente a tem em maior medida do que alguém com boa educação. A carpintaria e o ofício de encanador são atividades

distintas além de qualquer possibilidade animal, e factualmente além dos selvagens; e ainda estes dois trabalhos úteis e honráveis não são educação. Música e arte estão em um nível mais alto do que a carpintaria e o trabalho de encanador; coloquialmente falamos em educação musical, mas estritamente a música e a arte requerem treinamento. Todas estas são atividades de diferentes níveis – todas honráveis, mas não iguais. Alguns homens nascem capazes para uma delas, mas não para outra. O Senhor não repreendeu o homem a quem ele deu um talento por não ser capaz de receber cinco; ele o condenou por não tê-lo usado. Todavia não há que se negar o fato de que é melhor ter cinco talentos. Deus não exige do trabalhador não habilidoso que escreva a crítica de toda a futura metafísica nem que termine a sinfonia de Shubbert; mas um Q.I. 150 contém maiores possibilidades do que um Q.I. 85.

Todas as fases da vida deveriam glorificar a Deus, e se um homem é um carpinteiro ou um encanador, ele deveria e pode glorificar-lo por meio de seu trabalho assim como um estudante ou um professor. A fim de servi-lo aceitavelmente, não é preciso que alguém seja um monge; nem é preciso que seja um acadêmico. Deus deu a alguns homens cinco talentos, a outros dois, e a outros um. Ele deu aptidão acadêmica a alguns e a outros aptidão mecânica. O que se requer é que cada um use fielmente o que recebeu.

Em vista disso não se pode dizer que a educação é em todos os aspectos democrática. Em política, governo democrático representativo receptível à vontade do povo é decididamente preferível ao totalitarismo irresponsável e à burocracia arrogante. Todos os homens são criados iguais – no sentido de que a justiça política deveria ser administrada imparcialmente. Mas equanimidade econômica e mental nunca existiu e nunca irá existir. Os obstáculos econômicos podem ser equalizados até certo grau por meio da ajuda privada através de bolsas de estudo. Mas não há cura para a desigualdade mental. A educação, assim como a arte, nunca pode ser democrática; ambas são inerentemente aristocráticas. Alguns estudantes simplesmente não podem aprender. Tentem o quanto possam, eles não conseguem compreender a significância das informações. E em vez de se beneficiar por uma educação na faculdade, seu espírito e respeito próprio vão à ruína. Como encanadores poderiam servir a um bom propósito, e se eles reconhecerem que Deus é glorificado por meio do desenvolvimento honesto do ofício de encanador, poderão andar entre os homens com dignidade cristã.

Uma palavra sobre arte também. Certamente um grande artista é superior a um mineiro de carvão. *Olhar da Noite*, de Rembrandt, é indescritivelmente impressionante. Rembrandt *sabia como* pintar. Mas não estou certo de que ele *sabia* arte. Beethoven *sabia como* escrever música, mas duvido que ele entendia a música. Habilidade artística é uma coisa – um dom precioso de Deus. O entendimento intelectual da arte, de sua função na sociedade, de sua relação com a religião e a moralidade, é outra coisa – um dom ainda mais precioso de Deus. O último é um assunto da educação. O primeiro é dom.

O Cristianismo, todavia, é intelectualista. Deus é a verdade, a qual é imutável. Os humanistas, claro, opõem-se a qualquer visão cristã a respeito do assunto. Imersos no fluxo do pragmatismo, guiados por Nietzsche, James e

Dewey, eles sustentam que ela muda, que valores morais mudam, e a única verdade fixa é que não há verdade fixa. O que funciona é a “verdade”. Habilidade e sucesso fazem a “verdade”. Porque ela não existe de forma final no humanismo, o humanista não pode consistentemente dar reconhecimento adequado ao intelecto. Se ele preza dotes intelectuais, quer dizer apenas a habilidade vocacional de se conseguir o que quer.

E ainda o humanismo secular não é o único, nem mesmo o mais vociferante oponente do intelectualismo. Se Nietzsche, James, e Dewey têm seus discípulos, incluindo os existencialistas, Lierkegaard e Schleiermacher, este com sua ênfase sobre a emoção, são ainda piores inimigos da verdade. Assim é que um grande número de pessoas religiosas despreza o intelecto e exalta as emoções. Brunner diz que Deus fala falsidades, que o homem deve crer em contradições, e que Deus e intelecto são mutuamente exclusivos.

HOMEM, A IMAGEM DE DEUS

Notamos por um lado que Cristo é a imagem de Deus (Hebreus 1:3), e que ele é o *Logos* e a Sabedoria de Deus. Notamos também que a Adão foi dado domínio sobre a natureza. Estes dois pontos, aparentemente não relacionados, sugerem que a imagem de Deus é a Lógica ou racionalidade. Adão era superior aos animais porque era uma criatura racional e não apenas sensorial. A imagem de Deus, portanto, é a razão.

A imagem deve ser a razão porque Deus é a verdade, e comunhão com ele – um propósito da maior importância na criação – requer pensamento e entendimento. Sem razão o homem iria sem dúvida glorificar a Deus, assim como as estrelas, pedras, e animais, mas não poderia gozá-lo eternamente. Mesmo se na providência de Deus os animais sobreviverem à morte e adornarem o mundo futuro, eles não poderão ter o que as Escrituras chamam de vida eterna, pois esta consiste em conhecer a Deus, e conhecimento é um exercício da mente ou razão. Sem a razão não pode haver moralidade ou justiça: estas duas requerem o pensamento. Faltando estas, animais não são nem justos nem pecadores.

A identificação da imagem como razão explica ou é apoiada por uma observação embaraçosa em *João 1:9*: “A saber, a verdadeira luz que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem”. Como pode Cristo, em quem está a vida que é a luz dos homens, ser a luz de todos eles, quando as Escrituras ensinam que alguns estão perdidos em eternas trevas? Este enigma se erige da interpretação de “luz” em termos apenas redentivos. Se alguém pensar, também, em termos de criação, o *Logos* ou Racionalidade de Deus, da qual se disse acima ser a responsável pela criação de todas as coisas sem uma única exceção, pode ser visto como tendo criado o homem com a luz da lógica como a característica humana distintiva.

Por tais razões como estas, a queda e seus efeitos, que têm embaralhado tanto alguns teólogos conforme estudam a doutrina da imagem, são mais facilmente compreendidas pela identificação desta com a mente do homem.

Visto que julgamentos morais são uma espécie de julgamento, incluídos sob a atividade intelectual de uma forma geral, um resultado da queda é a ocorrência de avaliações incorretas em razão de pensamentos errôneos. Adão pensou, incorretamente, que seria melhor se juntar a Eva no pecado dela do que obedecer a Deus e ser separado dela. Assim foi que ele comeu do fruto proibido. O ato exterior foi seguido do pensamento. “Do coração procedem os maus pensamentos”. Note que na Bíblia o termo *coração* usualmente designa o intelecto, e apenas uma vez em cada dez as emoções: é o coração que pensa. O pecado, assim, interfere em nossos pensamentos. Não nos evita, todavia, de pensar. O pecado não erradica ou aniquila a imagem. Ele causa seu mau funcionamento, mas o homem ainda permanece homem.

A Bíblia enfatiza o mau funcionamento da mente em assuntos obviamente morais por causa de sua importância. Mas o pecado estende sua influência depravada a questões não usualmente consideradas como sendo de natureza moral. Aritmética, por exemplo. Alguém não precisa supor que Adão e Eva entendiam cálculo, mas eles certamente contavam até dez. Não importa a aritmética que faziam, eles o faziam corretamente. Mas o pecado causa a falência no pensamento, com o resultado de que nós cometemos erros em simples adições. Tais erros são chamados meticulosamente de efeitos “noéticos” do pecado. Mas erros morais são igualmente noéticos. Quando os homens se transformaram vãos em seus pensamentos e seus corações estúpidos foram enegrecidos; quando professaram ser sábios, tornando-se, todavia, loucos; quando Deus os entregou a uma mentalidade reprovada – seu pecado foi antes de qualquer coisa um mau funcionamento noético, intelectual e mental.

A regeneração e o processo de santificação revertem a direção pecaminosa desse mau funcionamento: a pessoa é renovada em conhecimento segundo a imagem daquele que a criou. Em primeiro lugar os mais pecados mais óbvios, aqueles grosseiros, são suprimidos, pois o novo homem começa a pensar e avaliar em conformidade com os preceitos de Deus. Em segundo e terceiro lugar, o novo homem avança para refrear aqueles que são mais sutis, os mais secretos, os mais impregnantes que fizeram de seu coração enganoso sem medida. Erros em aritmética podem parecer triviais em comparação, mas são, também, efeitos do pecado; e a salvação irá melhorar o pensamento de um homem em todos os assuntos.

Assim, a identificação da imagem como sendo a razão ou intelecto preserva a unidade do homem e salva os teólogos de dividirem-na em partes esquizofrênicas. Também concorda com tudo o que as Escrituras dizem sobre pecado e salvação.

As oposições seculares à imagem de Deus no homem podem ser baseadas tão somente em uma filosofia não-teísta abrangente. A evolução vê o homem como o desenvolvimento natural de nêutron e próton, através dos átomos, para as plantas, para animais inferiores, até talvez a um número de seres humanos surgido na África, Ásia, e nas Índias Orientais. A evolução dificilmente pode asseverar a unidade da raça humana, pois diversos indivíduos de espécies subumanas podem ter mais ou menos produzido simultaneamente a mesma variação.

Esta visão não-teísta e naturalista é difícil de ser aceita porque ela implica que a mente, também (assim como o corpo), é um produto evolucionário em vez de uma imagem divina. No lugar do uso de princípios eternos da lógica, a mente opera com resultados práticos de adaptação biológica. Conceitos e proposições nem alcançam a verdade nem mesmo apontam para ela. Nosso equipamento teria se desenvolvido por meio de sua luta para sobreviver. A razão é apenas o método humano para lidar com as coisas. É um dispositivo simplificado e, portanto, deformado. Não há evidências que nossas categorias correspondam à verdade. Mesmo se correspondessem, um acidente pouco provável, ninguém poderia saber disso; pois para saber que as leis da lógica são adequadas à existência real, é necessário observar o real antes de usar as leis. Mas se isso nunca aconteceu com organismos subumanos, nunca ocorre com a presente espécie humana. Se agora o intelecto é naturalmente produzido, diferentes tipos de intelecto poderiam muito bem ser igualmente produzidos por processos evolucionários levemente diferentes. Talvez tais mentes tenham sido produzidas, mas estão agora extintas, assim como os dinossauros ou dodos (tipo de pássaro extinto). Isto significa, todavia, que os conceitos ou intuições de espaço e tempo – a lei da contradição, as regras de inferência – não são critérios fixos e universais de verdade, mas que outras raças pensavam em outros termos. Talvez raças futuras irão pensar em outros termos. John Dewey insistia que a lógica já mudou e que irá continuar a mudar. Se este é o caso, nossa lógica tradicional é nada mais que um momento evolucionário passageiro; nossas teorias – dependentes desta lógica – são reações temporárias, hábitos sociais paroquianos, e racionalizações Freudianas; e, portanto, a teoria evolucionária, produzida por estas compulsões biológicas, não pode ser verdadeira.

A diferença entre o naturalismo e o teísmo – entre as últimas opiniões científicas sobre a evolução e criação; entre o animal freudiano e a imagem de Deus; entre a crença em Deus e o ateísmo – é baseada em suas duas epistemologias diferentes. O naturalismo professa o aprendizado pela observação e a análise da experiência; a visão teísta depende da revelação bíblica. Nenhuma quantidade de observação e análise pode provar a evolução ou qualquer outra teoria. Todas as filosofias seculares resultam em ceticismo total. Em contraste, o teísmo baseia seu conhecimento em proposições divinamente reveladas. Elas podem não nos fornecer toda a verdade; elas podem até mesmo nos dar pouquíssima verdade; mas não existe verdade de qualquer outra forma. Basta quanto à alternativa secular.

Portanto, a avaliação cristã dos assuntos contidos nos currículos e dos pupilos ou estudantes na escola é racional e intelectualista, em oposição ao emocionalismo e antiintelectualismo da presente era.

O objeto da educação é a verdade; a transmissão da verdade para os estudantes jovens por aqueles mais avançados. O objetivo da educação, ao menos o da mais pura e melhor, é o entendimento intelectual.

A SUBVERSÃO DO CRISTIANISMO

Nota do editor (John Robbins): Algumas pessoas não podem ou não irão admitir que as escolas do governo sejam anticristãs. A menos que tais escolas se oponham de forma vociferante ao Cristianismo (como usualmente o fazem) elas são consideradas como inofensivas. Mas ataques frontais ao Cristianismo não são o único meio de destruí-lo. Subversão sutil também é usada, conforme Clark ilustra nesse ensaio.

Scott, Foresman e Companhia, editores de uma excelente linha de livros texto de graduação, têm um chamado *Our World and How We Use It* (Nosso mundo e como o usamos), por Campbell, Sears, Quillen, Hanna. Na página 97, em um capítulo explicativo da domesticação e uso dos animais, há uma seção intitulada: *Idéias sobre Deus*.

“Vocês têm visto quantas de nossas idéias sobre propriedade, sobre trabalhar mútuo, e sobre a guerra vieram desses pastores³ de há muito tempo atrás. Eles tinham muitas outras idéias, também”.

“O pastor sabia sobre as estrelas, pois ele tinha aprendido a ler o céu como lemos calendários. O sol era seu relógio do dia, e a noite e as estrelas contavam-lhe o tempo à noite. Os céus da noite são muito claros e as estrelas são brilhantes no clima seco dos pastos e nas áreas secas”.

“O pastor assistia às estações virem e irem. Ele sabia dos tempos de fartura e de fome também. Via seus animais nascerem, crescerem e morrerem. Via o cabeça da tribo punir seus próprios filhos e animais se eles não o obedecessem, e recompensá-los se fizessem o certo. Ele tinha tempo para pensar sobre muitas e muitas coisas na medida em que cuidava de seus animais”.

“E assim foi que ele veio a saber que havia um grande Deus que tomava conta do mundo e de tudo o que nele havia, da mesma forma que ele cuidava de seu próprio rebanho e família. Ele ensinou seus filhos a adorar e servir a este Deus”.

“O pastor também sabia que precisava proteger seus animais, sua família, servos e trabalhadores. Muitas vezes ele deve ter pensado que o mundo poderia ser um lugar melhor se não houvesse animais selvagens ou pessoas não amigáveis. E assim ele veio a acreditar que deve haver alguma coisa ruim, má, que trabalha contra Deus, como os lobos e homens maus e a fome contra ele. Essa coisa má ele chamou de Satanás”.

“Muitos dos pensamentos dos pastores foram postos em músicas. Você pode ler alguns deles na Bíblia, nos Salmos de Davi, o pastor que se tornou rei”.

³ Nota do tradutor: O autor dessa frase refere-se ao pastor de animais, e não ao pastor (sacerdote) de almas.

Confessamente o objetivo da seção é ensinar os alunos sobre Deus. Portanto trata-se de matéria religiosa; e religião, seja pregada em um púlpito ou ensinada no ensino primário, não pode ser assunto neutro. Para descobrir se esse livro texto favorece ou se opõe ao Cristianismo, listemos os cinco pontos principais que ele ensina. Em primeiro lugar, ensina que os pastores descobriram Deus ou formaram idéias sobre Deus por meio do pensamento, enquanto cuidavam de seus animais; segundo, que eles descobriram que Deus cuidava deles; terceiro, que eles ensinaram seus filhos a adorar e obedecer a Deus; quarto, que eles aprenderam, sempre por meio da reflexão, que existe um Demônio; e quinto, que os Salmos de Davi são um resultado desse processo.

Visto que esse é o ensino de um livro texto para a quarta série, pode ser considerado injusto oferecer-lhe um criticismo profundo e filosófico. E ainda assim, até mesmo alunos da quarta série podem receber alguns princípios filosóficos simples, mas profundos. A seção conforme escrita dá a impressão de que aprender sobre Deus é um processo puramente empírico. Nenhuma referencia é feita àquilo que um filósofo chamaria de equipamentos *a priori* do aprendizado. Agora, a terminologia de Kant não é para crianças, mas mesmo elas podem entender quando lhes dizem que todos os homens nascem com uma idéia inata de Deus. Elas podem não conhecer os termos *a priori* e *inato*, mas podem entender assim como tudo o mais que compreendem que o homem é feito de tal forma que possa pensar sobre Deus espontaneamente. Elas mesmas foram formadas dessa forma. Todavia, nenhuma ênfase particular será posta sobre o argumento segundo o qual o livro ensina uma forma de empiricismo não-cristão.

Mas deve-se depositar muita ênfase sobre a omissão de qualquer referencia à revelação. Um cristão verdadeiro, se questionado sobre como veio a aprender de Deus, responderá imediatamente: “pela Bíblia, a palavra de Deus”. Quando uma pessoa replica: “por meio da experiência ou por reflexão”, fica instantaneamente claro que ela não é cristã.

Em segundo lugar, o livro texto ensina que os pastores sabiam que Deus tomava conta deles porque eles cuidavam de seus rebanhos. Que tipo de argumento é esse? Os pastores cuidavam de seus rebanhos a fim de tosquiá-los, e comê-los. Tal reflexão conduz a uma confiança última em Deus?

Então em terceiro lugar, os pastores ensinavam seus filhos a adorar e obedecer a Deus. Isto levanta duas questões. Primeira, se não há revelação, onde os pastores encontraram os mandamentos que Deus requer que obedecemos? As Escrituras falam da lei de Deus como escritas no coração do homem; ensina que este foi criado à imagem dele e que tem um conhecimento inato de que o certo é diferente do errado e de que Deus pune o erro. Mas as Escrituras também ensinam que o homem suprime esse conhecimento por causa de sua iniquidade, e que não deseja retê-lo em seus pensamentos, e que Deus o entregou a uma mentalidade reprovada. Obviamente o livro texto da quarta série e o Cristianismo não concordam entre si. E a segunda pergunta é ainda mais ligada ao nosso ponto: Como podem os pastores ensinar seus filhos a adorar a Deus? As Escrituras não dizem apenas que ninguém, à parte do poder regenerador do Espírito Santo, busca a Deus e que não há um que faça o bem, nenhum sequer; as Escrituras também ensinam que ninguém vai ao Pai exceto

por meio de Jesus Cristo. E isso é tão verdadeiro em relação ao Abraão do passado quanto aos homens de hoje. Jesus disse: “Abraão regozijou em ver o meu dia, e ele o viu, e se alegrou”. O livro texto não dá uma dica desse pré-requisito para a adoração. Em vez disso, ensina que uma pessoa pode obedecer e adorar a Deus sem nenhuma referência a Jesus Cristo.

O quarto ponto não requer qualquer crítica adicional, mas o quinto é o clímax. Aqui é afirmado que os Salmos de Davi são o produto de reflexão puramente humana. Em um antagonismo direto com a visão cristã, o livro texto reduz a Bíblia ao nível dos pensamentos filosóficos injustificados de um nômade.

Davi escreveu: “Disse o Senhor a meu senhor: assenta-te à minha direita, até que eu ponha seus inimigos por estrado de teus pés” Isto é uma fantasia humana ou uma promessa divina? Davi escreveu:

“Os reis da terra se levantam... contra o Senhor e contra o seu Ungido... Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles.... Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião.... Ele me disse: Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei.... Beijai o Filho para que não se irrite, e não pereçais no caminho; porque dentro em pouco se lhe inflamará a ira”.

O que é isso? Absurdo? Ou é a voz do Poderoso e Terrível Deus?

O livro texto do qual foi tirada a citação é pedagógica e mecanicamente excelente; ele revela todas as marcas de competência técnica. A inclusão da seção citada não pode ser atribuída à ignorância. Ela foi deliberadamente planejada. Por estas razões a única conclusão possível é que o livro e os educadores por trás dele estão definitivamente objetivando destruir a religião cristã.

Fonte: *The Trinity Foundation*, Maio / Junho 1988.